



FOLHA MISSIONÁRIA

Ano V

- Arquidiocese de Juiz de Fora

- Fevereiro / 2015

- Nº 51

Campanha da Fraternidade 2015

Fraternidade: Igreja e Sociedade



29 de março - Domingo de Ramos - Coleta Nacional da Solidariedade

Dom Gil participa de curso para Bispos no Rio de Janeiro

Página 3

Jovens Missionários Continentais realizam missão em Chiador

Página 6

Padres tomam posse em novas Paróquias da Arquidiocese

Página 7

Acesse nosso site: www.arquidiocesejuizdefora.org.br

Catequese do Papa



Leia nesta edição trechos da mensagem do Papa Francisco para a Quaresma 2015

Página 5

Ainda nesta edição:

Missão na Amazônia: Diácono Leonardo Loures envia relatos sobre a experiência na Diocese de Óbidos (PA)

Página 2

Palavra do Pastor, este mês, aborda o tema: "Quaresma, tempo de servir"

Página 3

Arautos do Evangelho realizam missão na Paróquia Sant'Ana, no bairro Vila Ideal, em Juiz de Fora

Página 6

Arquidiocese realiza mais uma Via Sacra Jovem ao Morro do Cristo

Página 6

Terço dos Homens realiza VII Romaria em Aparecida (SP)

Página 7

Editorial

Comunicação litúrgica

Pe. Antônio Camilo de Paiva
Mestre em Ciência da Comunicação
Editor Chefe

Muitas pessoas reduzem a comunicação a meios. Se fosse assim, seria muito simples resolver o problema da comunicação na Igreja. Quem faz a comunicação é a pessoa, e a comunicação religiosa passa pela comunidade, pelo grupo e pelos grupos. Na liturgia, a pessoa tem seu momento de intimidade pessoal com Deus e o momento de comunhão com os irmãos. Na celebração litúrgica, rezamos individual e coletivamente, ao mesmo tempo, sem se conflitar ou um perturbar a oração do outro. Conversamos com Deus e com os irmãos. Rezamos por nós e pelos outros, pelos vivos e pelos mortos, pelos insensíveis à fé e pelos convertidos. É uma comunicação ampla.

Para que uma liturgia seja bem celebrada e vivida é preciso que vários grupos estejam em comunhão ou em franca comunicação. O Padre, a equipe de leitores, os cantores, a equipe de acolhida e a assembleia têm que estar na mesma fé e em sintonia. A função – bem feita – de cada um garante essa comunhão. Portanto, não são os meios tecnológicos (rádio, televisão, internet, etc.) o principal lugar da comunicação católica, mas sim a liturgia.

A liturgia é, desde o início da Igreja, fonte da catequese. Seu aspecto multiforme é um conjunto de palavras, gestos e ações, que se distingue por diferentes formas de linguagem. Sua comunicação atinge o ser humano na sua totalidade e expressa a ação do mistério da Santíssima Trindade. Ela se realiza através da comunhão e participação, ou

seja, ação de Cristo na ação da Igreja.

Comunicação entre Deus e o homem, a liturgia usa várias formas de linguagem. Desde a *linguagem verbal*, em suas formas de linguagem livres e espontâneas, cantadas e recitadas, poéticas e argumentativas, narrativas e responsoriais, até as *linguagens de imagens*, como as procissões e encenações dramáticas e, ainda, sua dimensão festiva com sinos, cantos, palmas e músicas instrumentais, que evocam a *linguagem musical*.

Conta, também, na comunicação litúrgica, as atitudes do corpo. Portanto, falamos de *linguagem corporal*, como tato, gosto, mímica e olhares. Igualmente, comunica e catequiza a *linguagem da roupa*, ornamentos litúrgicos com suas cores diferentes e vestiduras dos objetos que se encontram no espaço litúrgico.

Com a linguagem litúrgica *se fala a Deus*, porque ela tem caráter de resposta “[...] à linguagem libertadora e santificadora de Deus, que por Jesus Cristo e pelo Espírito Santo chegou até nós”. Dinâmica, a linguagem litúrgica vem desde antigas tradições bíblicas, passa pelas primeiras comunidades cristãs, por tantos mártires e santos, e chega até nós com a mesma força, vigor e novidade.

Portanto, todo o esmero para com as celebrações litúrgicas é essencial para uma boa comunicação da Igreja com seus fiéis; de Deus com seu povo. Aproveitemos nossos litúrgos e comunicólogos para uma orientação exata sobre como comunicar com êxito na liturgia.

Missão na Amazônia

Relatos do Diácono Leonardo Loures, que está na Diocese de Óbidos



Há exatos 20 dias desembarquei neste território abençoado por Deus. Essa região é superlativa em recursos naturais e importância ambiental. Abriga cerca de um terço das florestas tropicais, a maior bacia hidrográfica do planeta e é rica em recursos minerais e em potencial hidrelétrico. Suas florestas cumprem papel fundamental na conservação da biodiversidade, no ciclo do carbono e regulação do clima. Também prestam um serviço crucial para os brasileiros: a produção de cerca de 20 bilhões de toneladas de vapor d'água por dia, que são transportadas em nuvens e geram chuvas para o Centro-Sul do país.

Confesso que, antes de vir para cá, a ansiedade era enorme, assim como o medo, as dúvidas... É sempre desafiador você deixar a margem e se lançar em águas mais profundas. Comigo não foi diferente; deixar minha Arquidiocese, família, amigos, projetos, foi um grande desafio. Mas durante a aproximação da viagem tive muito apoio, incentivo, isso foi animador, me fortaleceu para esse desafio.

Após os primeiros dias na Amazônia, já posso afirmar algumas coisas, entre elas que só se sabe o que é ser missionário na Amazônia, quem está fazendo a experiência: é tudo muito diferente do que imaginava, não dá

para explicar, apenas viver, o clima é muito forte para quem vem de qualquer outra região do Brasil e as distâncias geográficas, desafiadoras, você logo descobre que você não veio para fazer coisas, mas estar com o povo, escutar, entender a dinâmica e a linguagem deles.

Na Amazônia tudo é diferente. A começar pelo clima e alimentação. Pelo visto levará um bom tempo para acostumar com a realidade local. Realizar um trabalho missionário nessas terras exige de nós um esvaziamento total. Tudo é muito distante, a precariedade dos serviços básicos de saúde, de educação é gritante. O missionário que se dispõe a servir nessas terras deve fazer um verdadeiro despojamento, abrindo mão do conforto, da vida cômoda. Deve ser, acima de tudo, um apaixonado pelo povo pobre e simples, pois esse povo padece de muitas mazelas. No sudeste, temos facilidades de locomoção, comunicação, e isso significa conforto. Para ser missionário aqui na Amazônia é preciso se despojar de tudo isso, vir somente com o desejo de anunciar a Boa notícia, sem levar cajado, duas túnicas... nada, assim como pediu Jesus. Mesmo porque, aqui se caminha muito e essas coisas atrapalham a viagem. Fazer missão por aqui é, acima de tudo, evangelizar numa

linguagem simples para um povo sedento da palavra do Senhor.

Foram apenas vinte dias de missão até agora, mas foi tudo tão intenso, tão forte, tantas experiências marcantes... O pisar neste solo sagrado com os pés no chão, a simplicidade das comunidades, a alegria contagiante das pessoas, as longas viagens, o adentrar em lugares pensando que não existe seres humanos e se deparar com belos povoados, as enormes dificuldades com questões básicas, a falta de comunicação, de locomoção, os insetos, a água gelada, o forte calor, a luta pela preservação da floresta, a preocupação em formar comunidades, em estar perto das pessoas, as lindas histórias e testemunho desse povo sofredor, mas que mantém a alegria em viver, a riqueza dessa cultura, as lindas paisagens, entre tantas coisas. Nestes poucos dias por aqui, já aprendi muitas coisas, entre elas que com pouco também se vive. Que a vida acontece nos lugares mais remotos que possamos imaginar. Aprendi que a nossa Igreja tem, em cada lugar, um rosto diferente. Aprendi que também devo buscar uma fé simples, pura. Esse povo nunca sentou num banco acadêmico, mas conhecem Jesus por meio da simplicidade que se revela no cotidiano de suas vidas. A grande mudança que ainda trabalho em mim é perceber que as distâncias não são impedimentos para buscar o Senhor, e muito menos para anunciá-lo. Peço ao Senhor que continue me dando tantas graças, que eu possa continuar vivendo de maneira intensa essa grande missão que ele me confiou. Conto com as orações de todos, pois os desafios estão apenas começando.

Expediente

Diretor Fundador:
Dom Gil Antônio Moreira
Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora

Editor Chefe:
Pe. Antônio Camilo de Paiva

Jornalista Responsável:
Leandro Novaes MTB 14.078
Contato: folha.missionaria@gmail.com

Conselho Editorial:
Pe. Eduardo Almeida da Rocha
Pe. Elton Adriane de Oliveira

Impressão: Fundação Mariana Resende Costa - FUMARC

Tiragem: 15.500 exemplares

Redação: Edifício Christus Lumen Gentium – Juiz de Fora – MG
Tel.: (32) 3229 – 5450



Quaresma, tempo de servir

Dom Gil Antônio Moreira
Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora



A Quaresma é o tempo forte de preparação para a Páscoa, conclamando os fiéis cristãos para a oração, a penitência e a caridade. Culmina com a Semana Santa, onde celebramos liturgicamente os mistérios da paixão, morte e ressurreição do Senhor.

No Brasil, já há mais de quarenta anos, celebra-se a Campanha da Fraternidade durante a Quaresma, com o fim de auxiliar tal vivência, apontando lacunas sociais onde o amor ao próximo e a justiça estejam comprometidos, propondo ações que transformem a sociedade em uma verdadeira comunidade de irmãos, como a desejou Jesus.

A Campanha da Fraternidade deste ano

tem como lema *Eu vim para servir*. A frase é tirada das expressões de Jesus reveladas nos santos evangelhos, sobre sua missão e a forma dele mesmo realizá-la. Com o tema *Fraternidade: Igreja e Sociedade*, a CF 2015 quer recordar e celebrar os 50 anos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), privilegiando dois de seus mais importantes documentos: a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, promulgada a 21 de novembro de 1964, e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, aprovada e divulgada a 7 de dezembro de 1965. O primeiro Documento, *Lumen Gentium*, trata sobre a natureza e a missão da Igreja, sacramento de Cristo que é a luz de todos os povos, raças e nações. Procura responder a indagação: *Igreja, que dizes de ti mesma?* O segundo, *Gaudium et Spes*, contempla a relação 'Igreja e mundo', sobretudo o mundo dos sofredores, excluídos, empobrecidos, reforçando que as alegrias e esperanças, angústias e sofrimentos do mundo

são as alegrias e esperanças, angústias e sofrimentos da Igreja.

A CF 2015 traz à tona, mais uma vez, estes temas, a fim de que não nos dispersemos na busca da fidelidade ao que ensinou Jesus, com sua vida, sua pregação, seus sinais.

Na Quaresma nos fortalecemos para a vivência da fé diuturna e para a missão de evangelizar, pois o Senhor, após a ressurreição, enviou os discípulos a irem por todo o mundo e pregarem o evangelho a todas as criaturas.

Evangelizar não significa apenas pregar em praças públicas ou em Igrejas, por mais belas que sejam as pregações. Significa agir, como Jesus fez, pois, na verdade, se prega muito mais pelas atitudes concretas, ou seja, pela vida que se leva, que pelas palavras que são ditas. Esta é a verdadeira evangelização, o anúncio da Boa Nova de Cristo sempre atual e edificante.

Prosseguindo o espírito do Concílio, o Papa Paulo VI (1963-1978) vai dizer na Exortação Apos-

tólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de dezembro de 1975): *E esta Boa Nova há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho. Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não se seria capaz sequer de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os vêem viver, perguntas indeclináveis: Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Por que é que eles estão conosco?*

A CF 2015 desta-

ca figuras emblemáticas da Igreja que souberam encarnar fortemente esta vivência com ações concretas, como Irmã Dulce, na Bahia, e Madre Teresa de Calcutá, na Índia e em outras partes.

O cartaz não poderia ser mais eloquente: apresenta o amável Papa Francisco num gesto extremamente expressivo, osculando o pé de um ser humano. Não é possível passar esta CF sem nos recordarmos das palavras sábias, e possivelmente um tanto incômodas para alguns: *Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e comodidade de se agarrar às próprias seguranças.*

Somos chamados a olhar para Maria, a Virgem fiel, que soube dizer: *Eis aqui a serva do Senhor...* (Lc 1,38) e, sobretudo a assumir, concretamente, o que o Senhor Jesus ensinou: *Eu vim não para ser servido, mas para ser servir e dar a vida para o resgate de muitos* (Mc 10, 45).

Dom Gil participa de Curso para Bispos no Rio de Janeiro



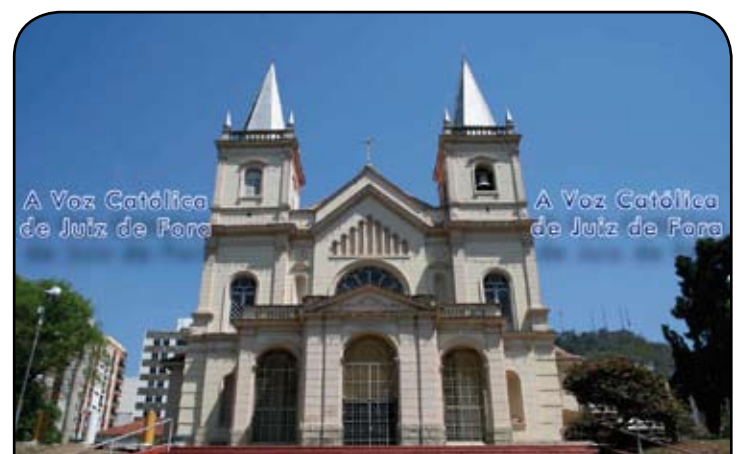
Curso para Bispos no Rio de Janeiro. Foto: divulgação

Entre os últimos dias 26 e 30 de janeiro, o Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora, Dom Gil Antônio Moreira, participou da 24ª edição do Curso para Bispos. O encontro é

promovido anualmente pela Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Dom Gil participou do evento desde que recebeu a ordenação episcopal, há 15 anos. Segundo o Pastor, o cur-

so, que tem caráter de atualização teológico-pastoral, contribui muito para a missão dos Bispos. Este ano, foi dada continuidade à temática iniciada em 2011, sobre o Concílio Vaticano II.



A Voz Católica de Juiz de Fora, todo sábado, às 11h, no Programa Mônica Mendes, exibido pela Band Minas.

Fique por dentro de tudo que acontece na Arquidiocese de Juiz de Fora.



www.arquidiocesejuizdefora.org.br
www.catedraljof.org.br
facebook.com/catedraljuizdefora



Campanha da Fraternidade 2015

“Eu vim para servir”

(cf. Mc 10, 45)

Colaboração: Robson Ribeiro de Oliveira

As Campanhas da Fraternidade mudaram a cara da Igreja do Brasil, e sempre com o objetivo de **“despertar a solidariedade dos seus fiéis e da sociedade em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução”**. A cada ano, é escolhido um tema, que define a realidade concreta a ser transformada, e um lema, que explicita a direção para a transformação.

A Campanha da Fraternidade 2015, cujo lema é “Eu vim para servir” (cf. Mc 10,45) e o tema “Fraternidade, Igreja e Sociedade”, convoca-nos a analisar a situação da Igreja frente às mudanças do mundo e sua função como serva fiel aos desígnios de Deus na sociedade, a partir do conhecido método **ver-julgar-agir**.

Neste ano, a Igreja nos convoca a dialogar com a relação entre a Igreja e a Sociedade. Historicamente, a Igreja sempre esteve presente em nossa sociedade, pois desde o “descobrimento” foi a primeira instituição a se estabelecer no Brasil.

O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas, e distorce os vínculos familiares. A ação pastoral deve mostrar ainda melhor que a relação entre nós e o Pai deve ser de amor e comunhão, para que assim consigamos fortalecer os vínculos interpessoais. Enquanto, no mundo, encontramos guerras e conflitos, nós, cristãos, devemos reconhecer no outro o Cristo e curar suas feridas, ajudando-nos a carregar as cargas uns dos outros.

Na história humana, o afastamento de Deus e a escolha pelo mal são os pecados que causaram um profundo desequilíbrio no interior dos seres humanos e na própria natureza criada (cf. Gn 3,14-17). Morte, vio-



lência, guerras, conflitos, mentiras e sofrimentos são consequências da desarmonia gerada pela opção humana (cf. Gn 4,10-14).

As Escrituras testemunham a fidelidade de Deus a seu amor pelos seres humanos, com suas intervenções na história e propostas de alianças com os homens e mulheres. Chamou Abraão e lhe fez uma promessa que se estendia à sua descendência: “Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra” (Gn 12,3).

Jesus realizou sua missão em meio aos problemas e injustiças da sociedade do seu tempo, e propunha um novo modo de viver. Com suas ações, mostrou como deveria se caracterizar a vida dos homens e das mulheres no Reino de Deus. Ele colocou em primeiro lugar os

pobres, os fragilizados, os excluídos, demonstrando amor e cuidado pelos pequenos e marginalizados do seu tempo. Mulheres e crianças, prostitutas, doentes e endemoninhados. Estes eram pobres; estavam nas periferias físicas e existenciais. Além disso, Jesus se coloca totalmente a serviço, como na última ceia, quando lava os pés dos discípulos, tarefa que era reservada aos de menor importância em uma casa.

O Concílio Ecu- mênico Vaticano II, cujo quinquentenário estamos celebrando, abençoou-nos com a Constituição Conciliar *Gaudium et Spes*, que logo no início explica bem o significado da relação da Igreja com a sociedade:

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos ho-

mens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai e receberam a mensagem da salvação para comunicá-la a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história” (GS, n. 1)

A missão específica da Igreja é de cunho religioso, e não propriamente político, econômico ou social. Sua ação evangélica repercute na

organização e no fortalecimento da comunidade humana, pois decorre da fé e da caridade vividas pelos cristãos, e não do uso de meios de coerção externa.

A família, sujeito titular de direitos nativos e invioláveis, encontra a sua legitimação na natureza humana, e não no reconhecimento do Estado. A família não é, portanto, para a sociedade e para o Estado; antes, a sociedade e o Estado são para a família.

O respeito pela pessoa humana é uma obrigação que vem da condição de ser filho e filha de Deus. Esses direitos são anteriores à sociedade e devem ser cultivados. Embora autônomas e independentes em seu campo, Igreja e sociedade devem colaborar, pois ambas estão a serviço da vocação pessoal e social dos mesmos seres humanos. A *Gaudium et Spes* adverte: “o cristão que descuida dos seus deveres temporais falta aos seus deveres para com o próximo e até para com o próprio Deus, e põe em risco a sua salvação eterna.” (GS, n. 42)

O diálogo com a sociedade compreende também o princípio do diálogo ecumênico e inter-religioso. Assumir causas em comum, especialmente causas de defesa e promoção da vida, que sustentam a dimensão servidora das instituições religiosas, é um caminho fértil para essa aproximação.

A Campanha da Fraternidade visa despertar e nutrir o espírito comunitário e a verdadeira solidariedade na busca do bem comum, educando para a vida fraterna, a justiça e a caridade, que são exigências centrais do Evangelho. É oportuno frisar que a participação na Campanha promovida pela Igreja em todo o Brasil propicia à pessoa e à comunidade a oportunidade de se integrarem neste belo momento de comunhão eclesial.



Catequese do Papa

“Fortalecei os vossos corações”

(Tg 5, 8)

Leia, a seguir, trechos da mensagem do Papa Francisco para a Quaresma de 2015

Amados irmãos e irmãs,

Tempo de renovação para a Igreja, para as comunidades e para cada um dos fiéis, a Quaresma é sobretudo um “tempo favorável” de graça (cf. 2 Cor 6, 2). Deus nada nos pede, que antes não nos tenha dado: “Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro” (1 Jo 4, 19). Ele não nos olha com indiferença; pelo contrário, tem a peito cada um de nós, conhece-nos pelo nome, cuida de nós e vai à nossa procura, quando O deixamos. Interessa-Se por cada um de nós; o seu amor impede-Lhe de ficar indiferente perante aquilo que nos acontece. Coisa diversa se passa conosco! Quando estamos bem e comodamente instalados, esquecemo-nos certamente dos outros (isto, Deus Pai nunca o faz!), não nos interessam os seus problemas, nem as tribulações e injustiças que sofrem; e, assim, o nosso coração cai na indiferença: encontrando-me relativamente bem e confortável, esqueço-me dos que não estão bem! Hoje, esta atitude egoísta de indiferença atingiu uma dimensão mundial tal, que podemos falar de uma globalização da indiferença. Trata-se de um mal-estar que temos obrigação, como cristãos, de enfrentar.

Quando o povo de Deus se converte ao seu amor, encontra resposta para as questões que a história continuamente nos coloca. E um dos desafios mais urgentes, sobre o qual me quero deter nesta Mensagem, é o da globalização da indiferença.

Dado que a indiferença para com o próximo e para com Deus é uma tentação real também para nós, cristãos, temos necessidade de ouvir, em cada Quaresma, o brado dos profetas que levantam a voz para nos despertar.

A Deus não Lhe é indiferente o mundo, mas ama-o até ao ponto de entregar o seu Filho pela salvação de todo o homem. Na encarnação, na vida terrena, na morte e ressurreição do Filho de Deus, abre-se definitivamente a porta entre Deus e o

homem, entre o Céu e a terra. E a Igreja é como a mão que mantém aberta esta porta, por meio da proclamação da Palavra, da celebração dos Sacramentos, do testemunho da fé que se torna eficaz pelo amor (cf. Gl 5, 6). O mundo, porém, tende a fechar-se em si mesmo e a fechar a referida porta através da qual Deus entra no mundo e o mundo n'Ele. Sendo assim, a mão, que é a Igreja, não deve jamais surpreender-se, se se vir rejeitada, esmagada e ferida.

Por isso, o povo de Deus tem necessidade de renovação, para não cair na indiferença nem se fechar em si mesmo. Tendo em vista esta renovação, gostaria de vos propor três textos para a vossa meditação.

1. “Se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros” (1 Cor 12, 26): A Igreja

Com o seu ensinamento e sobretudo com o seu testemunho, a Igreja oferece-nos o amor de Deus, que rompe esta reclusão mortal em nós mesmos, que é a indiferença. Mas, só se pode testemunhar algo que antes experimentamos. O cristão é aquele que permite a Deus revesti-lo da sua bondade e misericórdia, revesti-lo de Cristo para se tornar, como Ele, servo de Deus e dos homens. Bem nos recorda a liturgia de Quinta-feira Santa com o rito do lava-pés. Pedro não queria que Jesus lhe lavasse os pés, mas depois compreendeu que Jesus não pretendia apenas exemplificar como devemos lavar os pés uns aos outros; este serviço, só o pode fazer quem, primeiro, se deixou lavar os pés por Cristo. Só essa pessoa “tem a haver com Ele” (cf. Jo 13, 8), podendo assim servir o homem.

A Quaresma é um tempo propício para nos deixarmos servir por Cristo e, deste modo, tornarmos-nos como Ele. Verifica-se isto quando ouvimos a Palavra de Deus e recebemos os sacramentos, nomeadamente a Eucaristia. Nesta, tornamos-nos naquilo que recebemos: o

corpo de Cristo. Neste corpo, não encontra lugar a tal indiferença que, com tanta frequência, parece apoderar-se dos nossos corações; porque, quem é de Cristo, pertence a um único corpo e, n'Ele, um não olha com indiferença o outro. “Assim, se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria” (1 Cor 12, 26). [...]

2. “Onde está o teu irmão?” (Gn 4, 9): As paróquias e as comunidades

Tudo o que se disse a propósito da Igreja universal é necessário agora traduzi-lo na vida das paróquias e comunidades. Nestas realidades eclesiais, consegue-se porventura experimentar que fazemos parte de um único corpo? Um corpo que, simultaneamente, recebe e partilha aquilo que Deus nos quer dar? Um corpo que conhece e cuida dos seus membros mais frágeis, pobres e pequeninos? Ou refugiamos num amor universal pronto a comprometer-se lá longe no mundo, mas que esquece o Lázaro sentado à sua porta fechada (cf. Lc 16, 19-31)?

Para receber e fazer frutificar plenamente aquilo que Deus nos dá, deve-se ultrapassar as fronteiras da Igreja visível em duas direções.

Em primeiro lugar, unindo-nos à Igreja do Céu na oração. Quando a Igreja terrena reza, instaura-se reciprocamente uma comunhão de serviços e bens que chega até à presença de Deus. Juntamente com os Santos, que encontraram a sua plenitude em Deus, fazemos parte daquela comunhão onde a indiferença é vencida pelo amor. A Igreja do Céu não é triunfante, porque deixou para trás as tribulações do mundo e usufrui sozinha do gozo eterno; antes pelo contrário, pois aos Santos é concedido já contemplar e rejubilarem com o fato de terem vencido definitivamente a indiferença, a dureza de coração e o ódio, graças à morte e ressurreição de Jesus. E, enquanto esta vi-

tória do amor não impregnar todo o mundo, os Santos caminham conosco, que ainda somos peregrinos. Convicta de que a alegria no Céu pela vitória do amor crucificado não é plena enquanto houver, na terra, um só homem que sofra e gema, escrevia Santa Teresa de Lisieux, doutora da Igreja: “Muito espero não ficar inativa no Céu; o meu desejo é continuar a trabalhar pela Igreja e pelas almas” (Carta 254, de 14 de Julho de 1897). [...]

Em segundo lugar, cada comunidade cristã é chamada a atravessar o limiar que a põe em relação com a sociedade circundante, com os pobres e com os incrédulos. A Igreja é, por sua natureza, missionária, não fechada em si mesma, mas enviada a todos os homens.

Esta missão é o paciente testemunho d'Aquele que quer conduzir ao Pai toda a realidade e todo o homem. A missão é aquilo que o amor não pode calar. A Igreja segue Jesus Cristo pela estrada que a conduz a cada homem, até aos confins da terra (cf. Act 1, 8). Assim podemos ver, no nosso próximo, o irmão e a irmã pelos quais Cristo morreu e ressuscitou. Tudo aquilo que recebemos, recebemo-lo também para eles. E, vice-versa, tudo o que estes irmãos possuem é um dom para a Igreja e para a humanidade inteira.

Amados irmãos e irmãs, como desejo que os lugares onde a Igreja se manifesta, particularmente as nossas paróquias e as nossas comunidades, se tornem ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença!

3. “Fortalecei os vossos corações” (Tg 5, 8): Cada um dos fiéis

Também como indivíduos temos a tentação da indiferença. Estamos saturados de notícias e imagens impressionantes que nos relatam o sofrimento humano, sentindo ao mesmo tempo toda a nossa incapacidade de intervir. Que fazer para não nos deixarmos absorver por esta espiral de terror e impo-

tência?

Em primeiro lugar, podemos rezar na comunhão da Igreja terrena e celeste. Não subestimemos a força da oração de muitos! A iniciativa *24 horas para o Senhor*, que espero se celebre em toda a Igreja – mesmo a nível diocesano – nos dias 13 e 14 de março, pretende dar expressão a esta necessidade da oração.

Em segundo lugar, podemos levar ajuda, com gestos de caridade, tanto a quem vive próximo de nós como a quem está longe, graças aos inúmeros organismos caritativos da Igreja. A Quaresma é um tempo propício para mostrar este interesse pelo outro, através de um sinal – mesmo pequeno, mas concreto – da nossa participação na humanidade que temos em comum.

E, em terceiro lugar, o sofrimento do próximo constitui um apelo à conversão, porque a necessidade do irmão recorda-me a fragilidade da minha vida, a minha dependência de Deus e dos irmãos. Se humildemente pedirmos a graça de Deus e aceitarmos os limites das nossas possibilidades, então confiaremos nas possibilidades infinitas que tem de reserva o amor de Deus. E poderemos resistir à tentação diabólica que nos leva a crer que podemos salvar-nos e salvar o mundo sozinhos.

Por isso, amados irmãos e irmãs, nesta Quaresma desejo rezar convosco a Cristo: “*Fac cor nostrum secundum cor tuum* – Fazei o nosso coração semelhante ao vosso” (Súplica das Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus). Teremos assim um coração forte e misericordioso, vigilante e generoso, que não se deixa fechar em si mesmo nem cai na vertigem da globalização da indiferença.

Com estes votos, asseguro a minha oração por cada crente e cada comunidade eclesial para que percorram, frutuosamente, o itinerário quaresmal, enquanto, por minha vez, vos peço que rezeis por mim. Que o Senhor vos abençoe e Nossa Senhora vos guarde!

Arautos do Evangelho realizam missão na Paróquia Sant'Ana



Arautos do Evangelho em missão na Paróquia Sant'Ana. Foto: divulgação

Os Arautos do Evangelho realizaram, no início deste mês, uma missão na Paróquia Sant'Ana, localizada no bairro Vila Ideal, em Juiz de Fora. Ao todo, 19 componentes do movimento participaram da atividade, entre Padres, Diáconos e Missionários. O tema da missão, realizada entre os dias 02 e 08 de fevereiro, foi "Missões para Cristo com Maria".

A abertura oficial da semana missionária aconteceu durante uma missa presidida pelo Arcebispo

Metropolitano, Dom Gil Antônio Moreira. Na ocasião, foi acolhida a imagem de Nossa Senhora de Fátima, que acompanhou os Arautos nas visitas às casas da comunidade.

Além das visitas, em todos os dias da missão houve missas, adoração ao Santíssimo Sacramento e atendimento de confissões. A celebração de encerramento da atividade missionária aconteceu no último dia 08 de fevereiro, domingo, com solene coroação de Nossa Senhora.

De acordo com o Administrador Paroquial da Paróquia Sant'Ana, Pe. José Custódio de Oliveira, o objetivo da visita dos Arautos à comunidade era levar a Palavra de Deus às pessoas e despertá-las para a vida da Igreja. "Sinto que as pessoas estão distantes do sentido dos grandes valores da vida, e esta foi uma oportunidade para que esses irmãos me ajudassem a mostrar a necessidade que nós, humanos, temos de crescer, tomando da fonte da liturgia e da Eucaristia", afirmou.

Arquidiocese realiza mais uma Via Sacra Jovem ao Morro do Cristo



No próximo dia 1º de março, segundo domingo da Quaresma, a Arquidiocese de Juiz de Fora realizará mais uma edição da Via Sacra Jovem ao Morro do Cristo, em Juiz de Fora.

Assim como nos anos anteriores, a concentração será a partir das 8h na igreja Nossa Senhora de Fátima, na cidade alta. Às 8h30, haverá celebração da Santa Missa, presidida pelo Arcebispo Metropolitano, Dom Gil Antônio Moreira. Após a missa, todos seguirão em uma linda Via Sacra em direção ao Mor-

ro do Cristo.

Durante o evento, será contemplado também o Ano da Paz, que teve início no último dia 30 de novembro de 2014, e se estende até o Natal deste ano. O Ano da Paz é uma iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que surgiu durante a última Assembleia Geral, com o objetivo de lutar contra a violência no país.

Também será incluído o tema da Vida Consagrada, instituído pelo Papa Francisco para o ano corrente.

Jovens Missionários Continentais realizam missão em Chiador

Entre os dias 16 e 18 de janeiro, foi realizada a 13ª missão dos Jovens Missionários Continentais na cidade de Chiador (MG). Os 60 jovens enviados tiveram uma acolhida muito especial, com a celebração da Santa Missa na noite de sexta-feira (16) e a receptividade da população, especialmente das famílias que abriram suas casas para acolher os missionários.

No sábado (17), o dia teve início com oração na igreja. O calor intenso não impediu que os jovens saíssem animados para visitar as casas das famílias nas comunidades de Penha Longa e Parada Braga. O jovem



Jovens Missionários Continentais em Chiador (MG). Foto: divulgação

Yago Motta, que visitou a comunidade de Penha Longa, disse que "nessa primeira missão do ano, confirmamos nosso desejo de ir até o outro, seja nas visitas às casas, onde fomos muito bem acolhidos, e no luau sábado à noite, onde rezamos bas-

tante diante do Santíssimo".

No domingo (18), foram realizadas as visitas às casas das famílias mais próximas da Paróquia, além da participação na Santa Missa realizada na comunidade rural de Tocaia. Também

foi marcante a presença dos jovens da cidade, que acompanharam os missionários em todas as visitas, e dos adultos que ajudaram a preparar todas as refeições, como uma grande família. Nesse clima fraterno, cada missionário retornou para suas

respectivas cidades com o coração cheio de júbilo e em festa pelo final de semana vivido intensamente no serviço à Igreja.

O projeto arquidiocesano *Jovens Missionários Continentais* tem fundamento nas aspirações do Sínodo Arquidiocesano, celebrado de 2009 a 2011, e nasceu como fruto da Jornada Mundial da Juventude 2013. O projeto, ao iniciar este ano de 2015, é agraciado com mais um passo, quando, junto com o Arcebispo Dom Gil, foi criado um novo campo: o pós-missão, garantindo a continuidade da ação missionária nas Paróquias.

Colaboração: Cristiano Pires
Coordenador do Projeto Jovens Missionários Continentais

Padres tomam posse em novas Paróquias da Arquidiocese

A Arquidiocese de Juiz de Fora deu prosseguimento às posses de Sacerdotes em novas Paróquias. No último dia 31 de janeiro (sábado) e 1º de fevereiro (domingo), seis paróquias receberam novos Padres.

No sábado (31), o Arcebispo Metropolitano, Dom Gil Antônio Moreira, presidiu a missa de posse do Padre Pierre Maurício de Almeida Cantarino como Administrador Paroquial da Paróquia São José, no bairro Costa Carvalho, em Juiz de Fora.

No mesmo dia, o Monsenhor Antônio Cornélio Viana tomou posse como Pároco da Paróquia São Sebastião, em Chácara (MG). Na oportunidade, também foi apresentado novo Vigário Paroquial, Padre Nelson Augusto de Oliveira. A celebração foi presidida pelo Vigário Geral da Arquidiocese,

Monsenhor Miguel Fala-bella.

No dia seguinte, 1º de fevereiro, Dom Gil presidiu a missa de posse do Padre Guanair da Silva Santos, como Administrador Paroquial da Paróquia Santo Antônio, em Ewbank da Câmara (MG) e na Paróquia Nossa Senhora da Assunção, em Paula Lima.

Também no domingo pela manhã, foi realizada a missa de recepção do novo Vigário Paroquial da Catedral Metropolitana, o Padre Fransérgio Garcia. Ele celebrou sua primeira missa na igreja às 11h30 do mesmo dia. A Paróquia São Pedro, em Juiz de Fora, é outra comunidade que recebeu um Vigário Paroquial. O Padre Wesley Carvalho Neves auxiliará o Administrador Paroquial local, o Pe. José Domício Ferreira da Silva, nos trabalhos pastorais.

Terço dos Homens organiza VII Romaria em Aparecida (SP)

No próximo dia 21 de fevereiro (sábado), será realizada, no Santuário Nacional de Aparecida (SP), a VII Romaria Nacional do Terço dos Homens. Este ano, o evento tem como tema "Terço dos Homens: Uma bênção para a Família". A programação conta com Celebração Eucarística, reza do Santo Terço e consagração dos presentes à Nossa Senhora.

Paróquias da Arquidiocese de Juiz de Fora que possuem representantes do movimento estão organizando excursões para a Romaria. Na Catedral Metropolitana, um ônibus está sendo disponibilizado para os interessados em participar deste momento de encontro e oração. O valor da passagem é de R\$ 65 e o contato deve ser feito com Francisco, mem-



bro do Terço dos Homens da Catedral, pelo telefone (32) 8485-5151. Para informações sobre outros grupos, procure a sua Paróquia.

Em 2014, a VI Romaria Nacional do Terço dos Homens reuniu mais de 25 mil homens em Aparecida. Na ocasião, a Santa Missa foi presidida pelo Arcebis-

po Metropolitano de Juiz de Fora, Dom Gil Antônio Moreira, Bispo Referencial da CNBB para o Terço dos Homens no Brasil. Dom Gil presidirá também, este ano, a Missa da VII Romaria, no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, às 11 horas. A Missa será transmitida pela TV Aparecida.

Programação:

- 7h** - Chegada, animação (Tribuna Papa Bento XVI)
- 7h30** - Acolhida dos diversos grupos
- 8h** - Oração inicial, reflexão, testemunho e músicas
- 9h15** - Encaminhamentos e orientações
- 10h15** - Intervalo e preparação para a santa missa
- 11h** - Eucaristia do Terço dos Homens (dentro do Santuário, transmitida pela TV)
- 12h15** - Intervalo para almoço ou lanche
- 13h45** - Reza do Santo Terço (transmitida pela TV)
- 15h** - Consagração dos Homens a Nossa Senhora
- 15h30** - Encerramento da VII Romaria com o Sorteio da Imagem que acompanhará o grupo em 2015

Juiz de Fora Dias: 14 a 17 de fevereiro

Rebanhão de Carnaval

ENTRADA FRANCA

"Deixai-vos conduzir pelo Espírito Santo" (Gl 5,16a).

"Se vivemos pelo Espírito, andemos de acordo com o Espírito" (Gl 5,25).

INFLAMANDO E CHAMANDO AO JUBILEU DE OURO DA REC

LOCAL:
Igreja N.S. de Lourdes
Bairro Francisco Bernardino

INFORMAÇÕES:
Dia 14 _ Início às 19 Horas
Dias 15,16 e 17 _ às 8 Horas

HAVERÁ MISSA TODOS OS DIAS
Presença de Dom Gil,
Padre Evtón e
Padre Flávio Henrique

Renovação Carismática Católica Brasil

Eventos | 2015

Fevereiro

Jubilo
ACAMPAMENTO DE CARNAVAL COM CRISTO

14 a 18

Área de Camping (inscrição) Shows / Lanche Pastoreira e oração Santa Missa Centro de Evangelização Comunidade Resgate Praça de Alimentação

Maio

8 Resgate Dance Casa Mãe (Ingresso)

17 Encontro Mariano Maria Passa na Frente Centro de Evangelização (Entrada Franca)

Março

1º Encontro sobre Método Billings e planejamento familiar - Casa Mãe (inscrição)

7 e 8 Acampamento para Famílias Pe. Christian Shankar Centro de Evangelização (Entrada Franca)

20 a 22 Acampamento para Jovens Centro de Evangelização Maranathá (inscrição)

Junho

7 Encontro do Sagrado Coração de Jesus Centro de Evangelização (Entrada Franca)

28 Aprofundamento Para Casais (Casa Mãe - inscrição)

Abril

12 FESTA DA MISERICÓRDIA Pe Aluísio - Canção Nova Centro de Evangelização (Entrada Franca)

24 a 26 Encontro de Cura e Libertação (Casa Mãe - inscrição)

Julho

12 Arraiá Resgate Centro de Evangelização (Entrada Franca)

ARRAIÁ

Barracas típicas Quadrilha Leilão Cavalgada Santa Missa

**Contato: (32)3235-6300 www.comunidadeeresgate.com.br
www.facebook.com/comresgate**

Homenagem Especial

Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns

5º Arcebispo e 3º Cardeal de São Paulo

Colaboração: Robson Ribeiro de Oliveira

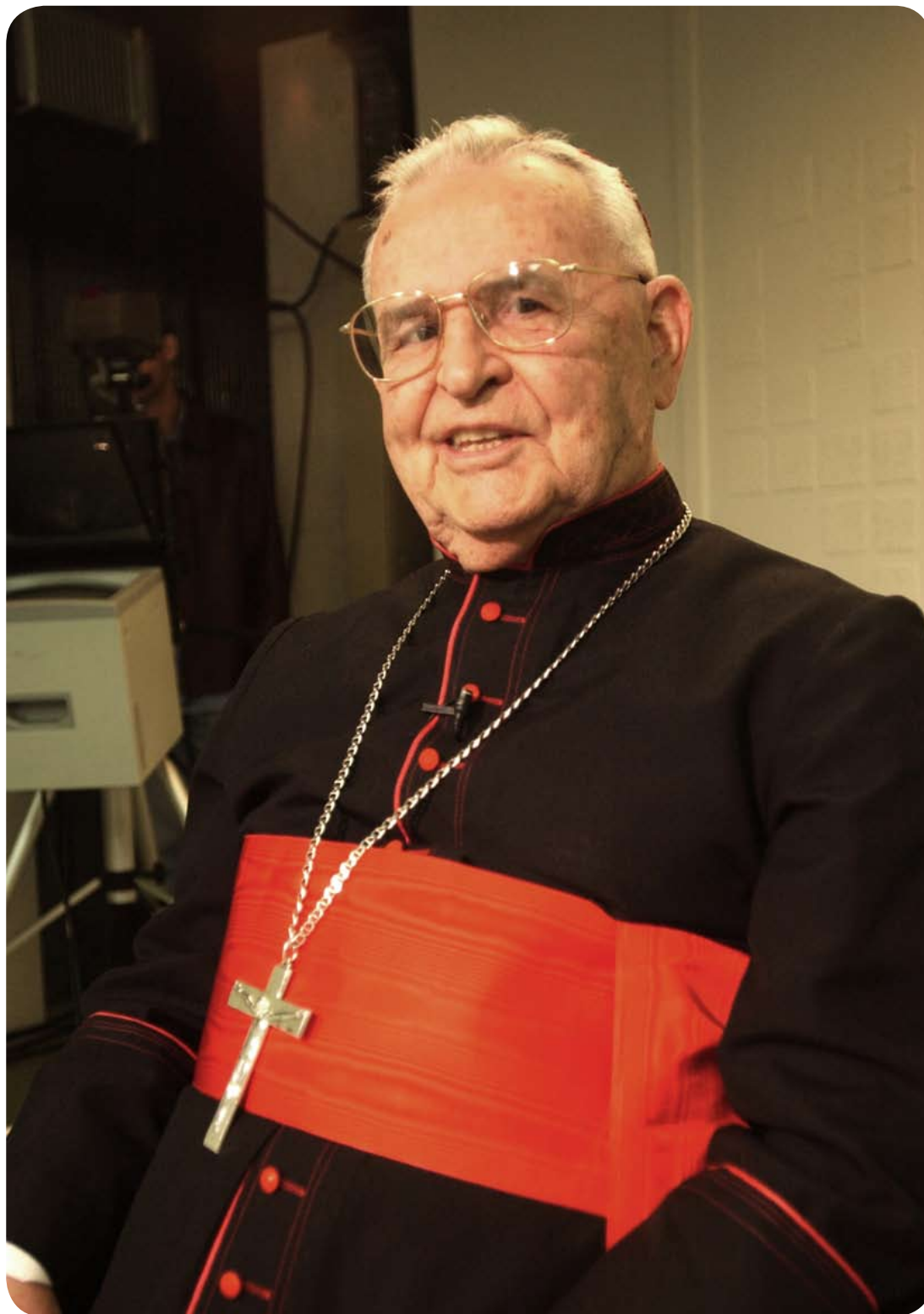
Nasceu em Forquilha (SC), em 14 de setembro de 1921. É o quinto filho, entre os 13 do casal Gabriel Arns e Helena Steiner, descendentes de imigrantes alemães. Foi o quinto Arcebispo e terceiro Cardeal da Arquidiocese de São Paulo.

Realizou seus estudos fundamentais em sua terra natal. Depois, ingressou no Seminário Seráfico São Luís de Tolosa, em Rio Negro (PR), em 1939. Em 1940, entrou no noviciado, em Rodeio (SC). Fez as graduações de Filosofia em Curitiba (PR) e Teologia em Petrópolis (RJ), onde também foi ordenado Presbítero no dia 30 de novembro de 1945, por Dom José Pereira Alves, Arcebispo de Niterói (RJ) à época.

Por quase 10 anos, exerceu seu ministério dando assistência à população desfavorecida de Petrópolis (RJ), onde também lecionou no Teologado Franciscano e na Universidade Católica.

Foi para a França, onde cursou letras na Sorbonne, obtendo o doutorado em 1952. Retornando ao Brasil, foi professor nas faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Agudos e Bauru, em São Paulo. Retornou a Petrópolis, onde continuou seu trabalho com a população carente. Trabalhou como Vigário nos subúrbios de Petrópolis, onde era amigo das crianças e dos pobres, quando foi indicado Bispo Auxiliar de São Paulo, em 02 de maio de 1966. Recebeu a ordenação episcopal em 03 de julho de 1966, na Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus, em Forquilha, sendo Sagrante Principal Dom Agnelo Rossi, Arcebispo de São Paulo, e Consagrantes Dom Anselmo Pietrulla OFM, então Bispo de Tubarão (SC) e Dom Honorato Piazero SCJ, então Bispo Coadjutor de Lages (SC).

Foi nomeado Arcebispo de São Paulo no dia 22 de outubro de 1970, pelo Papa Paulo VI, tendo tomado posse em 1º de novembro de 1970. Perante o Núncio Apostólico, 28 Bispos e Arcebispos, diante do Governador, do Prefeito e cerca de cinco



Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns. Foto: divulgação

mil fiéis, Dom Paulo – tendo a mãe presente, Sra. Helena Steiner Arns, com 76 anos, e seus irmãos – fez comovente exortação: *"Venho do meio do povo desta Arquidiocese a que já pertencia, do clero a quem amo e de quem sou irmão, dos religiosos que comigo se esforçam para serem sinal e esperança dos bens que estão para chegar, dos leigos que entendem o serviço aos irmãos como tarefa essencial de sua existência."*

Assim que assume a Diocese, incrementa fortemente a participação dos leigos nos passos do Concílio Vaticano II. Realiza a Operação Periferia, vendendo o palácio Episcopal, e assume

destemida defesa dos direitos humanos constantemente violados pela ditadura militar.

Criou novas regiões episcopais, realizou amplo plano de pastoral urbana e lançou as bases para a ação colegiada na grande metrópole de São Paulo. Em seu tempo, Dom Paulo criou 43 Paróquias, incentivou e apoiou o surgimento de mais de duas mil comunidades de base nas periferias da metrópole paulistana, particularmente nas atuais Dioceses Sufragâneas de São Miguel, Osasco, Campo Limpo e Santo Amaro, além das regiões de Belém e de Brasilândia. Esta era a resposta eficaz e efetiva ao crescimento desordenado,

à miséria crescente e à migração constante e forçada para a capital de São Paulo.

Durante a ditadura militar, na década de 1970, notabilizou-se na luta pelo fim das torturas e restabelecimento da democracia no país, junto com o Rabino Henry Sobel, abrindo uma ponte entre o Judaísmo e Igreja Católica em solo paulista. No mesmo período, também foi um dos escritores do livro "Brasil nunca mais" e integrou o movimento "Tortura nunca mais". Em 1972, criou a Comissão de Justiça e Paz, de São Paulo. Incentivou a Pastoral da Moradia e a Pastoral Operária.

No Consistório do dia 05 de março de 1973,

convocado pelo Papa Paulo VI, na Basílica de São Pedro, no Vaticano, Dom Paulo foi criado Cardeal-Presbítero, do título de Santo Antônio de Pádua, na Via Tuscolana.

Em 03 de junho de 1980, recebeu em São Paulo o Papa João Paulo II. Em 30 de novembro de 1984, inaugurou a Biblioteca Dom José Gaspar. Em 1985, com a ajuda de sua irmã, a pediatra Zilda Arns Neumann, implantou a Pastoral da Criança.

Em 22 de fevereiro de 1992, inaugurou uma nova residência destinada aos Padres idosos, a Casa São Paulo, ano em que também criou a Pastoral dos Portadores de HIV. Em 1994, criou o Conselho Arquidiocesano de Leigos.

Em 1996, após completar 75 anos, apresentou renúncia ao Papa, em função das normas eclesásticas, renúncia esta que foi aceita. A partir de então, tornou-se Arcebispo Emérito de São Paulo, e foi substituído por Dom Frei Cláudio Cardeal Hummes.

Autor de 49 livros, suas obras versam sobre a ação pastoral da Igreja nas grandes cidades e estudos da literatura cristã dos primeiros séculos, além de centenas de artigos escritos para as diversas revistas das quais foi redator, antes do episcopado.

Como Cardeal eleito, participou dos dois Conclaves – de agosto de 1978, que nomeou o Cardeal Albino Luciani Tancon o novo Papa, sob o nome de João Paulo I, e o de outubro de 1978, que escolheu Karol Wojtyła como Papa João Paulo II. Participou, ainda, como Cardeal não-votante, dos Conclaves de 2005, que elegeram Joseph Aloisius Ratzinger como Papa Bento XVI e de 2013, que escolheu o Cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio, sob o nome de Papa Francisco.

Em 09 de julho de 2012, tornou-se o Protoperesbítero do Colégio dos Cardeais, por ser aquele que há mais tempo foi elevado à dignidade cardinalícia entre todos os Cardeais-Presbíteros, sendo também o mais antigo de todos os membros do Colégio Cardinalício.